

APRESENTAÇÃO

O dossiê deste número 48 da revista *Itinerários* sobre o tema “Literatura e sexualidades dissidentes” é a maior prova de que o perfil de um Programa não é configurado somente pelo seu corpo docente. Desde que se tornou independente, há vinte anos, o Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários enfatizou seu perfil voltado predominantemente para a análise das marcas textuais de obras literárias, concentrando o foco em torno de cinco linhas de pesquisa, que são Teorias e Crítica da Poesia, Teorias e Crítica da Narrativa, Teorias e Crítica do Drama. Fugiam a este perfil as outras duas linhas, História Literária e Crítica e Literatura e Outras Linguagens, mas o certo é que o Programa sempre privilegiou as abordagens intrínsecas ao texto literário, obedecendo à divisão dos gêneros em detrimento de outros recortes fundamentados em questões culturais mais amplas.

Isso não significa que o interesse por abordagens que articulem a análise textual e as reflexões estético-formais a aspectos de natureza cultural mais diversificados, abrangendo questões de gênero (no sentido de *gender*), de políticas pós-coloniais, de religiosidade, de ideologia e jogos de poder, de questionamentos filosóficos e psicanalíticos, tenham permanecido ausentes dos trabalhos desenvolvidos pelos nossos alunos. Ao contrário, eles sempre trouxeram variadas reivindicações para o debate, nos *workshops* promovidos pelo conselho, a fim de redefinir constantemente os rumos e o perfil dos cursos de Mestrado e Doutorado. Foram seus anseios, manifestados desde a Iniciação Científica, que nos motivaram sempre a extrapolar as linhas de pesquisa ou dar a elas uma amplitude que nos alinhava com abordagens culturais mais significativas.

Foi assim que, em 2013, um aluno de doutorado defendeu uma tese inusitada para o Programa, acerca do tema “Artimanhas de Eros: aspectos do erotismo e do esteticismo na poética de António Botto”. Não se tratava de uma tese na linha dos Estudos Culturais. Pelo contrário, era uma tese de Estudos Literários, com ampla e profunda análise textual da obra poética de um escritor português que havia ficado absolutamente fora do cânone. A novidade estava justamente na busca de articulação entre as questões de gênero em seus dois conceitos advindos de áreas diferentes, com o sentido de configuração textual, o gênero lírico, e com o sentido de identidade sexual, o homoerotismo, na obra de Botto. A ideia era mostrar a singularidade da obra deste poeta, buscando entender os motivos que levaram a crítica a deixá-lo fora do cânone modernista português, mostrando que se tratava de motivos culturais e não estéticos. Sem abrir mão dos métodos de abordagem textual dos Estudos Literários, o pesquisador aprofundava e problematizava as fronteiras

entre o literário e o cultural, entre o estético-formal, o ficcional e a experiência vital em torno da sexualidade.

A tese contribuiu, ao lado de muitos outros trabalhos desenvolvidos no Programa, para questionar as motivações do cânone e apontar algo que a crítica literária já vinha mostrando desde os últimos anos do século XX, que não se sustenta mais uma concepção da literatura como um campo neutro, fundamentada exclusivamente em valores universais, como criação que se dirige à humanidade em geral. Desde os anos 1960, quando diferentes grupos identitários passaram a reivindicar o direito de fala e expressão, bem como o reconhecimento da singularidade de suas vozes e da especificidade de suas demandas, tornou-se inadiável a obrigatoriedade em se adotar novos parâmetros para a avaliação crítica e o reconhecimento da originalidade de suas criações, buscando-se um lugar digno para estas obras nos cânones culturais.

Por causa desta tese, uma professora, Maria Lúcia Outeiro Fernandes, e seu ex-orientando, Ricardo Marques Martins, foram convidados a participar de um documentário, *À procura de António Botto*, de autoria da historiadora Margarida Maria Bastos (Museu Lisboa – Palácio Arlindo Pimenta) e realizado por Cristina Gomes Ferreira, da Mares do Sul Produções, para a rede de TV portuguesa RTP 2. Quando o documentário, que também teve a participação do professor-colaborador na UNESP/Araraquara, Jorge Valentim (UFSCar), ficou pronto, o Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, juntamente com o Departamento de Literatura, em parceria com o Programa de Estudos em Literatura e o Departamento de Letras da UFSCar, promoveram o “Colóquio Internacional de Estudos Literários Homoerotismo e Resistência na Literatura Portuguesa – Reverberações da Poética de António Botto”, realizado no dia 19 de setembro de 2018 nas dependências da FCL-UNESP/Araraquara e, no dia 21, na Sala Fernando Pessoa, no Consulado de Portugal em São Paulo. O objetivo do evento era a antestreia nacional do documentário português.

Uma especialista na obra de António Botto, Anna M. Klobucka, da Universidade de Massachusetts, campus de Dartmouth, participou tanto do documentário quanto do evento para seu lançamento. Além da conferência de abertura, a pesquisadora-visitante ministrou um curso de extensão nos dias que antecederam ao evento, oferecido também como disciplina concentrada para os alunos de Pós-Graduação, sobre o tema “Sexualidades dissidentes no Modernismo português”.

A excelente acolhida que o evento, o documentário e o curso de Anna Klobucka tiveram junto ao público nos levaram a propor o tema para o dossiê deste número, “Literatura e Sexualidade”, que teve por finalidade acolher trabalhos focados na representação e construção ficcional das sexualidades e afetividades dissidentes (identidades, orientações e relações não heteropatriarcais) em qualquer gênero (prosa, poesia, teatro) ou período histórico, tanto em autores canônicos quanto em textos pouco conhecidos de autores posicionados às margens do cânone

das literaturas de língua portuguesa ou inteiramente excluídos das suas narrativas histórico-literárias.

O dossiê começa com o primoroso ensaio de Diana Junkes Bueno Martha, “Não pode o amor ser dissidente: sobre a poesia homoerótica de Matheus Guménin Barreto”, que traz à cena a obra de um poeta que vem despontando como uma das vozes mais interessantes da poesia brasileira. Propondo uma leitura do conjunto de sete composições como se fossem um único poema, a autora enfatiza a força poética que nasce da enunciação do desejo, na declaração de amor de um homem a outro homem na cena enunciativa e em seu desdobramento. A partir de um diálogo entre diferentes referências teóricas, empreende-se “a análise do poema discutindo os (des)limites éticos, políticos e sociais do amor para repropor o uso do termo dissidente”, cuja pertinência decorre exclusivamente “de um contexto social e cultural em que o homoerotismo é considerado fora da norma”. A autora conduz o leitor a compreender que “a liberdade e a garantia dos direitos individuais só estarão estabelecidas quando nenhum amor for considerado dissidente”.

O segundo ensaio, “A virgindade como dissidência? Reflexões em torno de *O marido virgem*, de Alfredo Gallis”, não é menos instigante que o primeiro. Nele, Jorge Vicente Valentim apresenta um escritor pouco abordado pela crítica literária, Alfredo Gallis (1859-1910), que mobilizou, no entanto, um público expressivo de leitores tanto em Portugal quanto no Brasil. Segundo palavras do próprio crítico, seu objetivo é “desenvolver algumas reflexões em torno do romance *O marido virgem* (1900), com uma leitura que sublinha um tratamento *avant garde* de temas voltados para a área das sexualidades e de gênero, num contexto onde a estética naturalista, o pensamento monárquico e o conservadorismo ainda permaneciam nas mais diferentes áreas dos saberes e dos comportamentos”. Para atingir seus objetivos, o autor propõe uma análise do tema da “virgindade” e “suas diferentes performances na efabulação romanesca”, interpretando-as “como formas de expressão de uma dissidência no cenário do entre séculos XIX e XX”.

Vários pesquisadores se reuniram para escrever o terceiro texto da revista, “De *queer* a *quare*: uma aposta interseccional entre gênero, raça/etnia e classe”. São eles Fernando Luís de Moraes, Cláudia Maria Ceneviva Nigro, Flávia Andrea, Rodrigues Benfatti, Leandro Passos, Luana Passos, Luiz Henrique Moreira Soares e Regiane Corrêa de Oliveira Ramos. O artigo “visa problematizar alguns dos limites da analítica *queer*, propondo uma abordagem teórica mais alargada, capaz de estabelecer correlações entre gênero, raça, etnia e classe”. A partir da análise da canção *Beautiful Blackman* (1989), de Blackberri, do romance *Giovanni's Room* (1956), do escritor afro-americano James Baldwin, e do texto fotográfico de Érica Malunguinho (2018) feito por Sérgio Fernandes, “ilustra-se o potencial operante dessa nova proposta, arejando leituras mais apuradas das identidades *quare*, forçosamente refreadas por regimes hegemonicamente instituídos”.

Denis Leandro Francisco escreve “Duas meninas: dissidências em Guimarães Rosa e António Lobo Antunes”, no qual analisa aspectos da personagem de ficção em duas narrativas canônicas de língua portuguesa: *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, e *Que farei quando tudo arde?*, do escritor português António Lobo Antunes. Partindo da proposta crítica de Silviano Santiago acerca da “wilderness” ou “qualidade selvagem” do texto literário, aliada às proposições teóricas de Jacques Derrida acerca da “semântica do indecível”, o autor visa “demonstrar como a construção ficcional dessas personagens de sexualidades dissidentes impulsiona a própria diegese, conformando as textualidades também dissidentes dessas duas obras”. A análise empreendida mostra como as duas narrativas, impulsionadas pelo processo de metamorfose identitária experienciado pelas duas “personagens-mônada”, obrigam o leitor a um constante reposicionamento interpretativo.

Guimarães Rosa volta a ser abordado no ensaio seguinte, assinado por Yasmin Zandomenico, que foge ao tradicional enfoque da crítica de *Grande sertão: veredas*, que costuma deter-se na amizade sensual entre o protagonista-narrador Riobaldo e o jagunço Diadorim, para focar as companheiras prostitutas Maria-da-Luz e Hortência/Ageala. Tendo por fundamentos teóricos as formulações de Eve K. Sedgwick, em *Between men* (1985), e de Terry Castle, em *The apparitional lesbian* (2003), entre outros, a análise proposta busca contrastar “os pares Riobaldo/Diadorim e Maria-da-Luz/Ageala enquanto distintas ordens homoafetivas e resgatar a existência lésbica de sua condição periférica no *Grande sertão*”.

Julia Luiza Bento Pereira, a seguir, desenvolve o artigo “Prostituição e a arte da *performance*: sexualidades dissidentes na literatura contemporânea” mostrando que “a *performance* no âmbito da prostituição está presente – para além das boates, motéis, hotéis e ruas – em narrativas contemporâneas, mais especificamente em autoficções e autobiografias de prostitutas e ex-prostitutas brasileiras”. Com base no conceito de “paratextos”, de Genette (2009), e “performatividade”, de Butler (2012), a autora propõe uma análise das obras *E se eu fosse puta* (2016), de Amara Moira; *O prazer é todo nosso* (2014), de Lola Benvenuti; e *O manuscrito de Sônia* (2005), de Mariana Brasil, buscando explicitar “como se dá a elaboração e consolidação de tais escritas, mediante as questões relacionadas à prostituição”.

No texto “Antologias do desejo: onde o prazer ousa ter fala”, Claudicélio Rodrigues da Silva, Lúcio Flávio Gondim da Silva e Marcus Vinícius Maciel Matos abordam quatro antologias – *Antologia erótica em tradução* (2006), organizada por José Paulo Paes; *Antologia da poesia erótica brasileira* (2015), organizada por Eliane Robert Moraes; *Poesia gay brasileira – Antologia* (2017), organizada por Amanda Machado e Marina Moura; e *Pretumel de chama e gozo: antologia de poesia negro-brasileira erótica* (2015), organizada por Cuti e Akins Kintê. Trata-se, segundo os próprios autores, de antologias “cujos textos e autores foram reunidos em torno do erotismo, tema clássico e recorrente nas literaturas, sobretudo em tempos onde imperam o autoritarismo, o conservadorismo e o

fundamentalismo”, já que “a literatura erótica, com seu discurso licencioso, impõe-se como mecanismo de transgressão e crítica aos costumes”. A análise deste *corpus* é guiada por alguns questionamentos aos quais os críticos buscam responder. O que pretende o organizador, ou tradutor, “ao reunir textos de uma tradição do discurso erótico, de diversas épocas e culturas”? “Qual a importância de uma antologia de poemas eróticos na história da literatura brasileira?” “Por que as minorias precisam demarcar um território e um lugar de fala na literatura?” Enfim, como concluem eles, “este artigo propõe uma leitura do discurso erótico através de antologias como atos políticos nos quais o cânone é atravessado, confundido, revisto e reatualizado em nome das demandas urgentes dos discursos e produções contemporâneas”.

Vivian Leme Furlan é autora do artigo “Por uma ‘nova (des)ordem narrativa’: uma leitura de *Trans Iberic Love*, de Raquel Freire”, buscando demonstrar como a obra focalizada “demarca o lugar da literatura como força de desconstrução dos binômios de gênero e dos discursos retrógrados de uma sociedade heteronormativa”, num contexto em que explode a “necessidade de luta pela (re)afirmação da liberdade de gênero” face a uma globalização tanto física quanto política. A autora também mostra como “o posicionamento ideológico e criador” da ficcionista estabelece um diálogo com a crítica de João Barrento (2016), “quando defende a existência de uma nova desordem narrativa sobre a escrita feita por mulheres na contemporaneidade”. Desse modo, a pesquisadora propõe uma análise das diversas estratégias narrativas que apontam para uma múltipla desconstrução, “desde o narrador que se estilhaça em vozes não binárias e personagens ativistas e transexuais, até a desconstrução da própria forma e gênero textual, já que a categoria de romance se torna insuficiente em uma obra que pode ser lida também como ensaio sobre a teoria *queer* ou ainda como manifesto”.

No ensaio “Antonino, o homem maricas: estigma e produção da diferença em *O filho de mil homens*, de Valter Hugo Mãe”, Rafaella Cristina Alves Teotônio analisa a construção do personagem Antonino no romance focalizado, observando “como, a partir de uma estratégia narrativa que remete à fala social, o autor representa uma visão estigmatizada do sujeito homossexual”. O objetivo da pesquisadora é, com base nas teorias de Judith Butler (2010) e Stuart Hall (2016), mostrar de que modo o texto de Valter Hugo Mãe “reflete sobre a construção social e discursiva de gênero em uma sociedade de ordem heteronormativa”.

Michael Silva e Jamesson Buarque de Souza abordam a obra de três poetas no artigo “Representações do homoerotismo masculino em três tons: Junqueira Freire, Carlos Drummond de Andrade e Horácio Costa”. Considerando a coletânea *Poesia gay brasileira: antologia* (2017), os autores têm por escopo investigar de que modo o homoerotismo masculino é representado nos poemas, escritos entre os séculos XIX e XXI, e se realmente podem ser considerados como poemas gays. Para tanto, fundamentam-se nas noções de homoerotismo e de literatura gay circunscritas por José Carlos Barcellos (2006). O *corpus* analisado é constituído por três poemas:

“A um moçoilo”, de Junqueira Freire, “Rapto”, de Carlos Drummond de Andrade, e “Julieu e Romito”, de Horácio Costa, escritos respectivamente nos séculos XIX, XX e XXI. O trabalho comparativo mostra, ao final, que os poemas da antologia na verdade “só apresentam nuances gays a partir da segunda metade do século XX”.

Mateus Fernando Oliveira contribui efetivamente para as discussões propostas pelo dossiê deste número da *Itinerários* ao abordar “O lixo da vida e a poética da virilidade: a construção social da masculinidade hegemônica na obra de João Antônio”, por meio da análise do conto “Paulinho Perna Torta”, do livro *Leão de Chácara* (1975). A narrativa se passa na Boca do Lixo, em São Paulo, durante a década de 1950, e expõe o narrador-personagem em sua trajetória da infância à fase adulta, período de formação de um perfil masculino pautado “na expressão da virilidade e da violência como (re)afirmação da própria condição de homem”. A fundamentação teórico-crítica é dada por autores como Connell & Pearse (2015), Nolasco (1996), Baubérot (2013), entre outros pesquisadores de gênero e sexualidade.

Nádia Nelziza Lovera de Florentino e Antônio Roberto Esteves assinam o artigo “Wilson Bueno e o (trans)gênero: uma leitura de *Mar Paraguayo* e *Jardim Zoológico*”. Partindo do “entendimento de gênero como uma construção social e discursiva”, os autores propõem uma análise comparativa entre a “caracterização do (trans)gênero na protagonista narradora”, do primeiro livro, e nas “yarárs”, da segunda narrativa, ambas do escritor Wilson Bueno (1949-2010). Para desenvolver as discussões que sustentam a análise do *corpus*, os pesquisadores se utilizam das considerações teóricas de Rogério Puga (s.d.), Heloísa Buarque de Hollanda (1994), Roberto Echavarrén (1998; 2007), dentre outros. O conceito de entrelugar, essencial para a conclusão das reflexões, é associado à questão de gênero, a fim de caracterizar as duas personagens como “criaturas fora de gênero, que ultrapassam as noções de homem e mulher, de masculino e feminino”.

No artigo “O Eu e o Mesmo: o Amor Lésbico na Poesia de Adrienne Rich”, Adriane Avila Neto de Farias discorre acerca da construção da subjetividade do sujeito lésbico nos poemas “Splitting” (1978) e “Twenty-one love poems” (1978), da estadunidense Adrienne Rich, buscando configurar um possível diálogo entre estes textos poéticos e os textos teóricos de Michel Foucault (2015), de Tânia Swain (2010) e da própria Adrienne Rich (1979; 1986; 2010). “Desvinculado das representações sociais que assumem ser o corpo feminino um mero objeto masculino e indo além da noção de que a posse sexual da mulher é fator mantenedor da ordem social, o eu lírico de Rich é, então, o sujeito formado pela e na diferença”.

O romance do escritor alemão Jan Walther, *Im Zimmer wird es still*, publicado em 2011, é o objeto de análise e de reflexão de Dionei Mathias, no texto intitulado “*Zu fremd sind seinem Körper diese Empfindungen geworden*”. O romance faz parte de um conjunto de obras ficcionais da literatura de expressão alemã que aborda a questão da sexualidade. Segundo Dionei Mathias, a sexualidade é entendida nesse

contexto “como conjunto de normas culturais vigentes num determinado espaço social que disciplina as formas como prazer e desejo podem ser vividos”. Partindo deste conceito, o crítico pretende discutir, em primeiro lugar, “como os protagonistas do romance lidam com os sistemas de classificação previstos no seu espaço de interação” e, em segundo plano, “o modo como eles inserem o imperativo do prazer em suas identidades pessoais”, de modo a demonstrar que, nos dois aspectos, o comportamento dos personagens se caracteriza pela dissidência.

O dossiê deste volume é fechado de modo brilhante com o texto de Joyce Conceição Gimenes Romero e María Dolores Aybar Ramírez, “O mar, a mulher e o medo: a punição do feminino transgressor em ‘*Mi Vida con La Ola*’, de Octavio Paz”. Nesse ensaio, as autoras propõem uma reflexão acerca da configuração da personagem fantástica feminina no conto “*Mi vida con la ola*” (1949-50), de Octavio Paz, focalizando, pela perspectiva dos estudos mitocríticos, que contemplam o aspecto ancestral do feminino maléfico, o modo “como se produzem as manifestações da mulher fatal, vinculada ao elemento aquático na narrativa”. A análise da composição estética do conto busca interpretar “a contribuição do mito como importante referencial para a elaboração do arquétipo feminino da Mãe Terrível nesta obra”.

Desse modo, apresentamos aos leitores da *Itinerários* mais um trabalho que, embora acadêmico, não está desligado de importantes questionamentos na cena da cultura contemporânea, podendo interessar, por isso, não somente ao público comprometido com a pesquisa e a crítica dentro da universidade, mas também a todos os que se interessam em acompanhar os debates sobre as questões de gênero, que têm mobilizado intensas discussões político-ideológicas no Brasil e no mundo.

Profa. Dra. Maria Lúcia Outeiro Fernandes (UNESP-Araraquara)¹
Profa. Dra. Anna M. Klobucka (UMASS Dartmouth)
Prof. Dr. Rodrigo Valverde Denubila (UFTM-Uberaba)



¹ Como coordenadora desta equipe de editores, gostaria de expressar meus mais sinceros agradecimentos a estes dois parceiros e amigos, Anna M. Klobucka e Rodrigo Valverde Denubila, que tiveram um papel essencial tanto para o sucesso do Colóquio sobre Antônio Botto quanto para a organização deste volume.